

A FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO OESTE DE SANTA CATARINA: A HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DAS AGROINDUSTRIAS

Andressa Lufichoski¹

Marcio de Medeiros Gonçalves²

O presente estudo objetivou identificar elementos históricos importantes que condicionaram o desenvolvimento do oeste de Santa Catarina, com foco nos principais sistemas agrários. O estudo utilizou como base teórica os estudos sobre evolução de sistemas agrários desde a antiguidade, assim como outras fontes bibliográficas que colaboraram para entender os fenômenos modernos. Os elementos que causaram mais impactos foram aqueles vinculados ao desenvolvimento da agricultura familiar em conjunto com a agroindustrialização. A região oeste de Santa Catarina foi inicialmente ocupada por indígenas, caboclos e bugres, que posteriormente foram substituídos por migrantes provindos principalmente do Rio Grande do Sul descendentes de alemães, italianos e poloneses. Foi a existência dessa estrutura agrária minifundista já existente ainda antes da vinda dos imigrantes, que em pouco tempo deu condições para implantação e o desenvolvimento das agroindústrias catarinenses na década seguinte, que cresceram baseadas no sistema de integração agroindustrial. O governo desempenhou um importante papel neste processo e deu condições para que os complexos agroindustriais se estabelecessem no estado através de uma política nacional de crédito rural. As agroindústrias encontraram na pequena propriedade familiar um campo fértil para disseminar o programa de fomento para suinocultura e avicultura. Isso resultou em uma mudança no sistema de produção de auto-suficiência, desenvolvida no âmbito familiar, para uma substituição que incluiu neste processo capital industrial e bancário, esse modelo provocou mudanças significativas no processo produtivo local e regional, bem como na organização da unidade familiar. Logo, este sistema produtivo começa a ser questionado, pois se por um lado houve um desenvolvimento no estado possibilitando uma maior rentabilidade, para a atividade dos agricultores e uma demanda de empregos gerados por essas indústrias no meio urbano, por outro houve uma exclusão de uma parcela de pequenos agricultores que não foram capazes de se adequar as exigências impostas pelas empresas integradoras. Outros reflexos poderiam ainda ser citados como, a concentração de renda, poluição de corpos d'água, o êxodo rural, e o contínuo rebaixamento da rentabilidade das atividades e a mais importante, a falta de mão de obra pelas transformações no próprio seio da agricultura familiar, são elementos de uma crise mais global que aos poucos

¹ Acadêmica de Agronomia, Universidade Federal Fronteira Sul, campus Chapecó.
andressa.lufichosk@gmail.com

² Professor Doutor, Agrônomo, Universidade Federal Fronteira Sul, campus Chapecó.
marcio.goncalves@uffs.edu.br

questiona a sustentabilidade da relação agricultura familiar vinculada à agroindústria. Nesse contexto concluímos que o fato do governo estadual estimular esse processo de integração, contribuindo com políticas públicas e incentivos fiscais, possibilitou uma maior compreensão da influência do capital estrangeiro ao propor uma receita de crescimento econômico ao estado. O modelo econômico de integração atingiu seu auge e continua mantendo o volume de produção, porém a pequena propriedade rural responsável pela matéria-prima que possibilitou o estado alcançar recordes em produção, perdeu sustentabilidade por estar propensa às decisões das grandes indústrias acerca das regras e condições para produção. Hoje o produtor assume muitos riscos, está frágil em relação às mudanças no mercado e ainda assume o ônus ambiental e trabalhista do empreendimento. E quem poderá possibilitar uma mudança neste contexto se não o estado? Pois este possui ferramentas para geração de políticas que possibilitem melhorar este quadro.

Palavras-chave: Desenvolvimento local. Sistemas agrários. Agroindustrialização.